



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

Literatura



Gil Vicente

Pranto de Maria Parda



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

Pranto de Maria Parda

Gil Vicente

Adaptação ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Do ano de 1522.

Livro Digital nº 925 - 1ª Edição - São Paulo, 2018.

Teatro - Literatura Brasileira.

Gil Vicente

(1465/1466 – 1536/1540)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

PRANTO DE MARIA PARDA



Por que viu as ruas de Lisboa com tão poucos ramos nas tavernas e o vinho tão caro, e ela não podia viver sem ele.

FIGURAS:

MARIA PARDA

BISCAINHA

JOÃO CAVALEIRO

JOÃO DE LUMIAR

MARTIM ALHO

FALULA

MARIA PARDA

Eu só quero prantear
Este mal que a muitos toca;
Que estou já como minhoca
Que puseram a secar.
Triste desaventurada,
Que tão alta está a canada
Pera mi como as estrelas;
Oh! coitadas das goelas!
Oh! goelas da coitada!

Triste desdentada escura,
Quem me trouxe a tais mazelas!
Oh! gengivas e arnelas,
Deitai babas de segura;
Carpi-vos, beiços coitados,
Que já lá vão meus toucados,
E a cinta e a fraldilha;
Ontem bebi a mantilha,
Que me custou dous cruzados.

Oh! Rua de San Gião,
Assi estás da sorte mesma
Como altares de quaresma
E as malvas no verão.
Quem levou teus trinta ramos
E o meu, mana, bebamos,
Isto a cada bocadinho?
Ó vinho mano, meu vinho,
Que má hora te gastamos.

Ó travessa zanguizarra
De Mata-porcos escura,
Como estás de má ventura,
Sem ramos de barra a barra.
Porque tens há tantos dias
As tuas pipas vazias,
Os toneis postos em pé?
Ou te tornaste Guiné
Ou o barco das enguias.

Triste quem não cega em ver
Nas carnicerias velhas
Muitas sardinhas nas grelhas;
Mas o demo há de beber.
E agora que estão erguidas
As coitadas doloridas
Das pipas limpas da borra,
Achegou-lhe a paz com porra
De crescerem as medidas.

Ó Rua da Ferraria,
Onde as portas eram maias,
Como estás cheia de guaias,
Com tanta louça vazia!
Já ma mim aconteceu
Na manhã que Deus nasceu,

Á hora do nascimento,
Beber ali um de cento,
Que nunca mais pareceu.

Rua de Cata-que-farás,
Que farei e que farás!
Quando vos vi tais, chorei,
E tornei-me por detrás.
Que foi do vosso bom vinho,
E tanto ramo de pinho,
Laranja, papel e cana,
Onde bebemos Joana
E eu cento e um cinquinho.

Ó tavernas da Ribeira,
Não vos verá a vós ninguém
Mosquitos, o verão que vem,
Porque sereis areeira.
Triste, que será de mi!
Que má hora vos eu vi!
Que má hora me vós vistes!
Que má hora me paristes,
Mãe da filha do ruim!

Quem viu nunca toda Alfama
Com quatro ramos cagados,
Os tornos todos quebrados!
Ó bicos da minha mama!
Bem ali ó Santo Espírito
Ia eu sempre dar no fito
Num vinho claro rosete.
Oh! meu bem doce palhete,
Quem pudera dar um grito!

Ó triste Rua dos Fornos,
Que foi da vossa verdura!
Agora rua d'amargura

Vos fez a paixão dos tornos.
Quando eu, rua, per vós vou,
Todos los traques que dou
São suspiros de saudade;
Pera vós ventosidade
Nasci toda como estou.

Fui-me ó Poço do chão,
Fui-me à praça dos canos;
Carpi-vos, manas e manos,
Que a dezesseis o dão.
Ó velhas amarguradas,
Que entre três sete canadas
Soíamos de beber,
Agora, tristes! remoer
Sete raivas apertadas.

Ó rua da Mouraria,
Quem vos fez matar a sede
Pela lei de Mafamede
Com a triste d'água fria?
Ó bebedores irmãos,
Que nos presta ser cristãos,
Pois nos Deus tirou o vinho?
Ó ano triste cainho,
Porque nos fazes pagãos?

Os braços trago cansados
De carpir estas queixadas,
As orelhas engelhadas
De me ouvir tantos brados.
Quero-me ir ás taverneiras,
Taverneiros, medideiras,
Que me deem uma canada,
Sobre meu rosto fiada,
A pagar la pelas eiras.

(Pede fiado à Biscainha.)

Ó Senhora Biscainha,
Fiai-me canada e meia,
Ou me dai uma candeia,
Que se vai esta alma minha.
Acudi-me dolorida,
Que trago a madre caída,
E cerra-se-me o gorgomilo:
Enquanto posso engoli-lo,
Socorrei-me minha vida.

BISCAINHA

Não dou eu vinho fiado,
Ide vós embora, amiga.
Quereis ora que vos diga?
Não tendes isso aviado.
Dizem lá que não é tempo
De pousar o cu ao vento.
Sangrade-vos, Maria Parda;
Agora tem vez a Guarda
E a raia no avento.

(A João Cavaleiro, castelhano)

MARIA PARDA

Devoto João Cavaleiro,
Que pareceis Isaías,
Dai-me de beber três dias,
E far-vos-ei meu herdeiro.
Não tenho filhas nem filhos,
Senão canadas e quartilhos;
Tenho enxoval de guarda,
Se herdardes Maria Parda,
Sereis fora de empecilhos.

JOÃO CAVALEIRO

Amiga, dicen por vila
Un ejemplo de Pelayo,
Que una cosa piensa el bayo
Y otra quien lo ensila.
Pagad, si quereis beber;
Porque debeis de saber
Que quien su yegua mal pea,
Aunque nunca mas la vea,
Él se la quiso perder,

(Vai-se a Branca Leda)

MARIA PARDA

Branca mana, que fazeres?
Meu amor, Deus vos ajude;
Que estou no ataúde,
Se me vós não acorredes.
Fiade-me ora três meias,
Que ando por casas alheias
Com esta sede tão viva,
Que já não acho cativa
Gota de sangue nas veias.

BRANCA LEDA

Olhade, mulher de bem,
Dizem que em tempo de figos
Não há i nenhuns amigos,
Nem os busque então ninguém.
E diz o exemplo dioso,
Que bem passa de guloso
O que come o que não tem.
Muita água há em Boratem
E no poço do tinhoso.

(Vai-se a João do Lumiar)

MARIA PARDA

Senhor João do Lumiar,
Lume da minha cegueira,
Esta era a verde pereira
Em que vos eu via estar.
Fiai-me um gentar de vinho,
E pagar-vos-ei em linho,
Que já minha lã não presta:
Tenho mandada uma besta
Por ele a entre Douro e Minho.

JOÃO DE LUMIAR

Exemplo de mulher honrada,
Que nos ninhos de hora a um ano
Não há pássaros ogano.
I-vos, que sois aviada.
Enquanto isto assi dura,
Matai com água a segura,
Ou ide a outrem enganar,
Que eu não me hei de fiar
De mula com matadura.

(Indo pera casa de Martin Alho, vai dizendo):

MARIA PARDA

Amara aqui hei d'estalar
Nesta manta emburilhada:
Oh! Maria Parda coitada,
Que não tens já que mijar!
Eu não sei que mal foi este,
Pior cem vezes que a peste,
Que quando era o trão e o tramo,
Andava eu de ramo em ramo
Não quero deste, mas deste.

(Diz a Martim Alho)

Martim Alho, amigo meu
Martim Alho meu amigo,

Tão seco trago o embigo
Como nariz de Judeu.
De sede não sei que faça:
Ou fiado ou de graça,
Mano, socorrede-me ora,
Que trago já os olhos fora
Como rala da negaça.

MARTIM ALHO

Diz um verso acostumado:
Quem quer fogo busque a lenha;
E mais seu dono d'acenha
Apela de dar fiado.
Vós quereis, dona, folgar,
E mandais-me a mim fiar?
Pois diz outro exemplo antigo,
Quem quiser comer comigo
Traga em que se assentar.

(Vai-se à Falula).

MARIA PARDA

Amor meu, mana Falula,
Minha gloria e meu deleite,
Emprestai-me do azeite,
Que se me seca a matula.
Até que haja dinheiro,
Fiai, que pouco requeiro,
Duas canadas bem puras,
Por não ficar ás escuras,
Que se me arde o candeeiro.

FALULA

Diz Nabucodonosor
No sideraque e miseraque,
Aquele que dá gran traque
Atravesse-o no salvaror.

E diz mais, quem muito pede,
Mana minha, muito fede.
Sete mil custou a pipa;
Se quereis fartar a tripa,
Pagai, que a vinte se mede.

MARIA PARDA

Raivou tanto sideraque
E tanta zarzaganã,
Vou-me a morrer de sequia
Em cima de um almadraque.
E ante de meu finãoento,
Ordeno meu testamento
Desta maneira seguinte,
Na triste era de vinte
E dous desde o nascimento.

TESTAMENTO

A minha alma encomendo
A Noé e a outrem não,
E meu corpo enterrarão
Onde estão sempre bebendo.
Leixo por minha herdeira
E também testamenteira,
Lianor Mendes d'Arruda,
Que vendeu como sisuda,
Por beber, até à peneira.

Item mais mando levar
Por tochas cepas de vinha,
E uma borracha minha
Com que me hajam d'incensar,
Porque teve malvasia.
Incensem-me assi vazia,
Pois também eu assi vou;
E a sede que me matou,

Venha pela cleresia.

Levar-me-ão em um andor
De dia, ás horas certas
Que estão as portas abertas
Das tavernas per u for.
E irei, pois mais não pude,
Nenhum quarto por ataúde,
Que não tivesse água pé:
O *sovenite* a Noé
Cantem sempre amiúde.

Diante irão mui sem pejo
Trinta e seis odres vazios,
Que despejei nestes frios,
Sem nunca matar desejo.
Não digam missas rezadas,
Todas sejam bem cantadas
Em Framengo e Alemão,
Porque estes me levarão
Ás vinhas mais carregadas.

Item dirão per dó meu
Quatro ou cinco ou dez trintauros,
Cantados per tais vigairos,
Que não bebam menos que eu.
Sejam destes três d'Almada,
E cinco daqui da Sé,
Que são filhos de Noé,
A que som encomendada.

Venha todo o sacerdote
A este meu enterramento,
Que tiver tão bom alento
Como eu tive cá de cote.
Os de Abrantes e Punhete,
D'Arruda e d'Alcouchete,

D'Alhos-Vedros e Barreiro,
Me venham cá sem dinheiro
Até cento e vinte e sete.

Item mando vestir logo
O frade alemão vermelho
Daquele meu manto velho
Que tem buracos de fogo.
Item mais, mais mando dar
A quem se bem embebedar
No dia em que eu morrer,
Quanto móvel i houver
E quanta raiz se achar.

Item mando agasalhar
Das órfãs estas nó mais
As que por beber dos pais
Ficam proves por casar.
Ás quais darão por maridos
Barqueiros bem recozidos
Em vinhos de mui bons cheiros;
Ou busquem tais escudeiros,
Que bebam coma perdidos.

Item mais me cumprirão
As seguintes romarias,
Com muitas ave-marias.
E não curem de Monção.
Vão por mim à Santa Orada
D'Atouguia e d'Abrigada,
E a Curageira santa,
Que me deram na garganta
Saúde a peste passada.

Item mais me prometi
Nua à pedra da estrema,
Quando eu tive a postema

No beijo de baixo aqui.
E porque gran gloria senta,
Lancem-me muita água benta
Nas vinhas de Caparica,
Onde meu desejo fica
E se vai a ferramenta.

Item me levarão mais
Um gran círio pascoal
Ao glorioso Seixal
Senhor dos outros Seixaes;
Sete missas me dirão
E os caliz encherão,
Não me digam missa seca;
Porque a dor da enxaqueca
Me fez esta devoção.

Item mais mando fazer
Um espaçoso espirital,
Que quem vier de Madrigal
Tenha onde se acolher.
E do termo d'Alcobaça
Quem vier deem-lhe em que jaça:
E dos termos de Leiria
Deem-lhe pão, vinho e candeia,
E cama, tudo de graça.

Os d'Óbidos e Santarém,
Se aqui pedirem pousada,
Deem-lhes de tanta pancada
Como de maus vinhos tem.
Homem de entre Douro e Minho
Não lhe darão pão nem vinho;
E quem de riba d'Avia for
Fazê-lhe por meu amor
Como se fosse vizinho.

Assi que por me salvar
Fiz este meu testamento,
Com mais siso e entendimento
Que nunca me sei estar.
Chorai todos meu perigo,
Não levo o vinho que digo,
Que eu chamava das estrelas,
Agora me irei para elas
Com grande sede comigo.



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com